

**ECOS DA PRISÃO: “MEMÓRIAS DO CÁRCERE” E
“MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE”**

Fátima Almeida da Silva (UERJ)
fatimalispector@yahoo.com.br

RESUMO

Com este trabalho, almejamos ouvir os ecos da prisão que podem ser capturados através das “Memórias do Cárcere” (1953), de Graciliano Ramos e das “Memórias de um sobrevivente” (2001), de Luiz Alberto Mendes. Ambos os livros narram experiências na e com a prisão. Graciliano é um preso político, ao passo que Luiz Alberto Mendes é um preso comum. Quais seriam as aproximações e os distanciamentos entre os modos de narrar o “inferno”? É o que queremos investigar. Graciliano narra como se tivesse uma pedra no seu dizer, com uma imparcialidade já conhecida em seus romances. Já Luiz Alberto Mendes narra com emoção, envolvendo-se com o evento narrado. Graciliano, quando narra, também interroga sua memória, refletindo sobre os presos e sobre o que diz. Luiz Alberto Mendes narra com tanta emoção que seu texto parece que jorra a realidade, nua e crua. Como fundamentação teórica, lançaremos mão de Alfredo Bosi (1995), Antonio Candido (1992) e Wander Melo Miranda (2009), no intuito de abordar as “Memórias do Cárcere”, e de textos críticos sobre Literatura Marginal, como o de Paulo Roberto Tonani (2013) e João Camillo Penna (2015) para interpretar as “Memórias de um sobrevivente”.

Palavras-chave:
Imparcialidade. Prisão. Realidade.

Com este trabalho, almejamos ouvir os ecos da prisão que podem ser capturados através das “Memórias do Cárcere” (1953/1986), de Graciliano Ramos, e das “Memórias de um sobrevivente” (2001), de Luiz Alberto Mendes. Ambos os livros narram experiências na e com a prisão. Graciliano é um preso político, ao passo que Luiz Alberto Mendes é um preso comum. Graciliano escreve na década de 30, acerca de sua prisão sem processo jurídico (que durou dez meses) nos tempos do governo de Getúlio Vargas. Luiz Mendes escreve dentro do cárcere, em seus 31 anos e 10 meses de prisão. Quais seriam as aproximações e os distanciamentos entre os modos de narrar o “inferno”? Apesar de tão distantes social, cultural e cronologicamente, julgamos instigante investigar os dois olhares para o cárcere e para a escrita...

Graciliano narra como se tivesse uma pedra no seu dizer, com um distanciamento já conhecido em seus romances. Já Luiz Alberto Mendes narra com emoção, envolvendo-se com o evento narrado. Graciliano, quando narra, também interroga sua memória, refletindo sobre os presos e sobre o que diz. Luiz Alberto Mendes narra com tanta emoção, que seu

texto parece que jorra a realidade, nua e crua. “Memórias de um sobrevivente” é o primeiro livro de Luiz Mendes que foi descoberto pelo escritor Fernando Bonassi (que inclusive faz o prefácio de seu livro) quando em 1999 ministrava oficinas de literatura na prisão. Em um concurso literário, o conto “Cela-forte” ganhou o prêmio de melhor texto.

Como fundamentação teórica, lançaremos mão de Bosi (1995), Candido (1992) e Miranda (2009), no intuito de abordar as “Memórias do Cárcere”, e de textos críticos sobre Literatura Marginal, como Patrocínio (2013), para interpretar as “Memórias de um sobrevivente”.

Cabe aqui um questionamento: como se materializam no dizer de cada um dos nossos memorialistas a narrativa do inferno vivenciado na prisão? É o que nos propomos a mostrar com esta reflexão.

As *Memórias* de Graciliano apresentam uma estrutura linear, ou seja, narram-se os episódios de acordo com os lugares onde eles acontecem, mas o dizer do memorialista não apresenta uma estrutura linear, ou seja, com início, meio e fim. Prova disso é que as “Memórias do Cárcere” não têm fim. Graciliano morre antes de terminar a escrita do livro. O dizer de Graciliano é atravessado por dúvidas, incertezas, questionamentos. A memória de Graciliano, assim como a memória do menino de *Infância*, é uma memória embaçada, como se estivesse nublada.

Esse posicionamento ambíguo do memorialista Graciliano será responsável pela elaboração de imagens ambíguas dos presos com quem ele convive na prisão, mas não se trata da ambiguidade como um problema no dizer. É uma ambiguidade, acreditamos, como uma forma de se posicionar, como uma escolha. Graciliano renuncia a se posicionar de forma onipotente no momento de contar seu inferno do cárcere e abraça uma postura vacilante que ora tem uma visão, ora apresenta uma releitura crítica dessa visão.

Graciliano romperá, nas “Memórias do Cárcere”, com uma estrutura maniqueísta de ver o outro, seja ele um policial ou um ladrão. Com isso ele abre mão de um pensamento maniqueísta, em prol de um pensamento dialético que busca dialogar com o outro e interrogar a si mesmo. Assim, o policial, de acordo com a óptica graciliânica, não é só um homem bom, mas também não é só um homem mau: tem os dois lados, as duas posições. O ladrão, da mesma forma, será apresentado sob diferentes ângulos. O interessante é que o memorialista se surpreende com os posicionamentos ambíguos dos personagens das *Memórias*, mas não é

ele mesmo quem elabora essa ambiguidade? Trata-se de um jogo meta-linguístico, de um jogo com o próprio dizer, um jogo com a língua.

Essa ambiguidade se mostra, no dizer de Graciliano, não só através do comportamento que o memorialista revela dos personagens, mas também se materializa na linguagem. A língua usada por Graciliano é uma língua opaca, em que sempre comparece um conector adversativo cuja finalidade, pensamos, é mudar a direção do dizer. O dizer do memorialista Graciliano é atravessado pelos conectores adversativos. Como podemos observar no fragmento abaixo:

[...] Na sombra espessa os lineamentos perdiam-se; a amabilidade excessiva provocava-me uma sensação molesta, a náusea crescia; ignorando a significação daquilo, desejava afastar-me e esquecer a brandura pegajosa. Ao mesmo tempo achava-me ingrato.

Na claridade nevoenta da manhã, divisei os traços do homem, e a lividez, o pranto fácil, o tremor, a desculpa embrulhada revelaram-me a natureza dele. Era gordo, imberbe, os olhos mansos, um sorriso doloroso nos beijos flácidos. Embora visse ali um vivente a sofrer por minha causa, era-me impossível evitar a repulsa que sentira à noite da chegada, mas o nojo misturava-se à gratidão e ao pesar de haver estorvado o infeliz. **Um infeliz, sem dúvida**, firmava-me nesta convicção: tipo de sexo duvidoso, comum no ajuntamento da cadeia. A aparência equívoca e o procedimento invulgar causavam-me transtorno e a necessidade urgente de afastar-me e esquecer, embora dissesse a mim mesmo que a lembrança do caso iria perseguir-me. Nunca me vira na presença desses indivíduos assim cara a cara, sabendo-lhes as tendências. Pela primeira vez surgia-me um deles e facultava-me o exame imprevisível do corpo e da alma. Apesar de não me ser possível nenhuma comparação, estava certo de não enganar-me. **Era aquilo, sem dúvida**. (RAMOS, 1986, p. 388) (negrito meu)

[...] Na verdade era impossível transformar-me, vencer o nojo que esses desvios me causavam. Era um nojo profundo, e em vão buscaria livrar-me dele. **Mas** uma evidência entrava a impressionar-me: na torpeza nauseante havia alguma coisa muito pura. (RAMOS, 1986, p. 389) (negrito meu)

Em ambos os fragmentos acima das “Memórias do Cárcere”, podemos observar o jogo dialético no dizer do memorialista. Na primeira sequência, o narrador se posiciona de forma horrorizada diante da amabilidade excessiva de um homem. O memorialista, para se referir ao outro, usa os seguintes nomes: “infeliz”, “tipo de sexo duvidoso”, “aquilo”. Porém, no segundo fragmento, o narrador, lançando mão de um “mas”, diz-se impressionado com algo muito puro existente na “torpeza nauseante”.

Vejamus outro momento em que, conforme pensamos, esse movimento dialético no dizer do memorialista Graciliano se repete:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Habituar-me cedo a considerar o exército uma inutilidade. Pior: uma organização maléfica. Lembrava-me dos conquistadores antigos, brutos, bandidos, associava-os aos generais modernos, bons homens, excelentes pais de família, em todo o caso brutos e bandidos teóricos, mergulhados numa burocracia heróica e dispendiosa. Mais tarde, numa prefeitura da roça, percebera que os melhores trabalhadores, os mais capazes, tinham sido soldados – e aquele ninho de parasitas se revelara incongruente. Uma ideia preconcebida, rigorosa, esbarrava com a observação. Nada mais besta que as generalizações precipitadas. A antipatia que os militares me inspiravam com certeza provinha de nos separarmos. Eu achava as fórmulas deles, os horríveis lugares-comuns, paradas, botões, ordens do dia e toque de corneta uma chatice arrepiadora; se algum deles atentasse nas minhas ocupações, provavelmente as julgaria bem mesquinhas. (RAMOS: 1986, p. 47)

Na sequência acima, notamos o mesmo movimento dialético no dizer do memorialista Graciliano, visto que, primeiramente, há uma consideração do exército como uma inutilidade, pior ainda, como uma organização maléfica. Usando uma expressão temporal, a saber, “mais tarde”, o narrador nos mostra um novo ângulo desse militar, uma nova forma de percepção: em uma prefeitura, os melhores trabalhadores, os mais capazes, eram soldados, e o memorialista admite que fizera uma generalização precipitada. Há um primeiro movimento de crítica do outro; um segundo movimento de revisão dessa crítica e um terceiro movimento de autocrítica.

Importa dizer que essa ambiguidade no modo de ver o outro não comparece quando o memorialista Graciliano fala de si. As imagens que o memorialista elabora de si, assim como o menino de *Infância*, são sempre de um teor negativo, evidenciando um memorialista extremamente autocrítico consigo mesmo. Bosi (1995) vai falar em encaramujamento do memorialista, que se isola diante dos companheiros de prisão. Candido (1992) aponta uma severidade na avaliação que o memorialista faz de si. Podemos observar esse tom severo ao falar de si no seguinte fragmento: “(...) Sobral Pinto, homem de caridade perfeita, queria tirar da cadeia um bicho inútil, na minha opinião, um filho de Deus, na opinião dele.” (RAMOS, 1986, p. 543)

Essa pode ser uma forma de aproximação entre o memorialista das “Memórias do Cárcere” e o narrador das “Memórias de um sobrevivente”. As imagens de si traçadas pelo memorialista Luiz Mendes são, na infância, de um garoto sofrido, maltratado pelo pai, que o chama de “prostituto”, “mentecapto”, “bucéfalo” e “debiloide”. O garoto se transforma em adolescente e, citando as palavras do memorialista: “(...) estava

me tornando um animalzinho mau, agressivo e perigoso” (MENDES, 2001, p. 150).

As *Memórias* de Mendes (2001), assim como as “*Memórias do Cárcere*”, apresentam uma estrutura linear. No livro, o memorialista traça um retrato de sua vida, registrando momentos da infância, da adolescência e da fase adulta. Em todas as etapas da vida, o memorialista se envolveu com a criminalidade, tendo sido preso várias vezes, até o dia em que é condenado à prisão perpétua por ter cometido um assassinato dentro da prisão para se defender de outro preso que queria violá-lo.

Os episódios narrados por Mendes, em suas memórias, apresentam um movimento circular: quase sempre o memorialista rouba e ganha muito dinheiro. Depois, gasta o dinheiro todo com bebidas, roupas de marca, drogas e mulheres. Por isso, é preso, apanha exacerbadamente na prisão, é solto e se sente feliz quando sai do cárcere, prometendo nunca mais voltar àquele lugar; entretanto, o rapaz começa a trabalhar, por duas vezes rouba o patrão, e o ciclo vicioso se repete: consegue dinheiro, gasta tudo, rouba de novo e, na fuga, é preso.

O personagem posto em cena por Mendes, para nós, é oco, vazio, superficial. Vive a vida com base em momentos furtivos de alegria, sem nenhum tipo de preocupação ou responsabilidade. A única exceção é a figura da mãe, por quem nutre carinho, e, mesmo assim, dela se esquece em várias passagens do livro. Essa é a imagem do preso comum que o livro nos passa. A imagem do memorialista, no final do livro, adquire uma complexificação, pois o personagem posto em cena pelo memorialista, no cárcere, entra em contato com outros presos que leem literatura e filosofia. Em um epílogo, escrito por Luiz Mendes, o memorialista faz uma revisão autocrítica acerca do personagem descrito nas memórias, como podemos ver:

Ainda sou aquele, mas sou também outros. Sim, embora não acredite muito em mudanças do que somos, julgo mais correto pensar em aperfeiçoamento do que somos através de processo sedimentar. Quer dizer: sempre mudamos, mas funcionamos dentro de um eixo, o núcleo do que somos. A tendência é crescer, nos desenvolver, nos especializar e abranger, ao mesmo tempo. Embora, não sei em que porcentagem, talvez possamos regredir, afundar, chafurdar, fracassar, destruir e sermos destruídos. Sempre é possível levantar e caminhar, só é preciso motivação que alimente a vontade. (MENDES: 2001, p. 471)

No que tange à linguagem usada por Mendes, é possível dizer que há uma oscilação. O memorialista tenta se adequar a uma linguagem formal, em vários momentos lançando mão de um registro culto da lín-

gua. Por outro lado, essa aparente formalidade é atravessada pela linguagem informal própria ao ambiente descrito na narrativa. Assim, encontramos repetições do pronome “ele”, além de expressões populares. O memorialista é como um equilibrista na linguagem, buscando manejar o formal e o informal. Podemos observar a repetição do pronome pessoal “ele” e, por conseguinte, o traço de informalidade do qual falamos no fragmento abaixo, em que o personagem posto em cena por Luiz Mendes usa o pronome para se referir ao pai:

Já tremendo, acovardado, quebrado em minha vontade, trazia a cinta o mais lentamente possível. Suas cintas estavam todas arrebrandadas de tanto **ele** me bater com **elas**. Começava a bater e eu a gritar, se **ele** descuidasse das portas e as deixasse abertas, Dinda entrava e avançava em cima **dele**, para me defender. **Ele** a chutava e tomava a me bater. Depois, já cansado, ia bater **nela** no quintal. Aquilo me doía mais que a surra. Corria para a casinha da cadela, e **ela**, esquecida já do que apanhara, ficava me lambendo os vergões, qual pudesse suavizá-los. Dinda, sem dúvida, foi o melhor amigo de minha infância.” (MENDES: 2001, p. 16) (negrito meu)

Graciliano focaliza muito mais os outros presos do que sua própria figura de preso político. O memorialista das *Memórias do Cárcere* traça muito mais retratos dos outros e do ambiente do que de si mesmo. Há uma espécie de negação de si mesmo. Isso não acontece com Mendes, que, em suas *Memórias de um sobrevivente*, direciona o foco da narrativa para o menino Luiz, para o adolescente Luiz e para o homem Luiz. Há um autodizer-se, uma tentativa de se traduzir para o leitor.

Nessa tentativa de traduzir uma imagem sua para o leitor, Mendes se posiciona de forma ambígua: em alguns momentos, revela uma imagem violenta de si, daquele adolescente que assalta, que maltrata a vítima sem arrependimento, mas, quando é preso e se sente só, sempre se posiciona como um menino com saudade da mãe. Podemos afirmar que as memórias de Luiz Mendes constroem, pelo menos, duas imagens do prisioneiro: uma imagem de um ser violento e outra de um ser que sente falta da mãe, quando está na prisão. Vejamos primeiramente a imagem de um ser violento:

[...] Juntei-me a eles. Éramos vândalos e da pior espécie, aquela que destrói pelo prazer de destruir. Cagávamos nas mesas das casas; cortávamos estofamentos, cortinas, quadros; quebrávamos vasos, bibelôs, televisores, móveis; rasgávamos tudo o que fosse de papel. Sei lá por quê, mas ao ver coisas bonitas, coloridas, delicadas, o instinto destruidor vinha à tona. Arrebrandamos e destruimos por dentro muitas mansões e casas. Chegamos até a derrubar paredes. Andava com um canivete espanhol de mola que destruía o que aparecesse pela frente. Rasgávamos tudo o que vissemos. Adorava aquilo! Parecia haver encontrado minha família, e a-

quela era minha diversão favorita. Colocava toda a minha raiva, meu ódio naquela atividade destruidora. (MENDES, 2001, p. 59-60)

Agora, convidamos o leitor a observar uma imagem humanizada do personagem que se encontra detido no RPM – Recolhimento Provisório de Menores:

Logo terminou o tempo da visita num canto e comecei a chorar. Escondido para ninguém ver. Sentia que minha mãe não confiava mais em mim. Julgava que mentia quando disse que apanhava. (...) Sentia que minha mãe preferia me ver ali do que na rua, fugindo de casa. Pensava que ali estava seguro e protegido e na rua estava para todos os riscos. Naquele momento vivi o terror: estava só contra tudo e todos, nem minha mãe estava fora. Me sentia tão pequeno e frágil! Mas eu tinha doces, uma roupa limpa e cigarros. (MENDES, 2001, p. 128)

Em “Memórias de um sobrevivente”, não observamos uma ambivalência no modo como Mendes traça a imagem da figura do policial. Há uma construção maniqueísta: nas *Memórias* de Luiz, a polícia sempre é apresentada como um órgão torturador e corrupto. Em vários momentos do livro, Luiz é preso e é solto logo em seguida, a partir do momento em que, segundo o memorialista, cede ao suborno dos guardas. Em várias passagens das *Memórias* de Luiz, defrontamo-nos com cenas bárbaras de violência ao elemento encarcerado:

[...] De repente, não aguentei mais e não estiquei mais as pernas. Pisaram em minhas pernas. Dois soldados me segurando para um terceiro bater. Não teve mais jeito. Então a borracha veio no corpo todo e para todos os lados. O PM espumava, possesso. Eu corria, gritava, enlouquecido, em choque, tombava sob as rasteiras dos soldados...

A gritaria foi tamanha que o subtenente, que era o comandante local, subiu as escadas para ver o que estava acontecendo. (MENDES, 2001, p. 141)

Acreditamos que as “Memórias de um sobrevivente” possam ser inseridas na Literatura Marginal dos anos 90, dado que essas *Memórias* são escritas por um indivíduo que está à margem da Sociedade. Patrocínio (2013), ao estudar a Literatura Marginal, afirma que a marginalidade se estabelece como uma posição que marca o sujeito fora do centro, mas que mantém relações orgânicas e dinâmicas com esse centro, dado que esses sujeitos periféricos são, em diversos graus, consumidores e atuantes na esfera pública.

Ainda, consoante Patrocínio (2013), na estruturação da nova Literatura Marginal, o critério estético é colocado em segundo plano, não é

negligenciado, mas é suprimido pela importância dada à ética. Aqui, a escrita é elaborada com a intenção do engajamento e da denúncia. A partir disso, uma das principais características da produção literária marginal é corromper a linguagem formal, lançando mão de uma linguagem que rasura a estrutura literária hegemônica. Outra característica da Literatura Marginal é a produção de um discurso maniqueísta com um intuito doutrinário, utilizando uma fala pedagógica com a finalidade de conscientizar o leitor acerca do problema narrado. Vemos essas características em Luiz Mendes.

Com esse artigo, buscamos ouvir os ecos da prisão ressoados das “Memórias do Cárcere” e das “Memórias de um sobrevivente”: dois memorialistas distantes no que se refere ao tempo e à classe social, duas narrativas distintas, com personagens prisioneiros diferentes. O prisioneiro criado por Graciliano apresenta um olhar mais crítico acerca dos presos, do ambiente e de si mesmo. Luiz, em suas *Memórias*, dá vida a um personagem que é movido pela emoção: a cada saída de prisão, há uma nova sensação de liberdade, mas não há tempo para a reflexão, pois a vida do personagem elaborado por Luiz é escrita no tempo presente, no hoje, no agora, ao passo que o prisioneiro das “Memórias do Cárcere”, sempre ponderando seu dizer, ao mesmo tempo em que narra o presente, revisa esse presente que já é passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em “Memórias do Cárcere”. In: *Estudos Avançados* 9(23), 1995.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: coletânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica, v. 2)

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*. São Paulo: Edusp, 2009.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. São Paulo: USP, 2009. 180f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-

Graduação em Literatura Brasileira, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença e autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

PENNA, João Camilo. *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do crime: a ordem pelo avesso*. São Paulo: IBCCRIM, 2002.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.